

Eros e paz nas comédias de Aristófanes

Ana Maria César POMPEU¹

Resumo: Aristófanes vincula Eros à paz nas suas comédias. Em *Acarnenses*, de 425 a.C., Diceópolis, um cidadão ateniense, consegue tréguas particulares com os espartanos para si e sua família. Ele não partilha sua paz com mais ninguém, a não ser com uma noiva, por ser mulher e não ser culpada pela guerra. Ela terá parte do noivo nas suas núpcias. Em *Paz*, de 421 a.C., Trigeu, um vindimador, resolve voar em um escaravelho, besouro que come fezes, para falar com os deuses sobre a paz, e acaba resgatando a deusa Eiréne (Paz), encerrada numa gruta por Pólemos (Guerra). A Paz traz consigo a deusa Opora (Outona ou Colheita), com quem o protagonista se casa, e a deusa Teoria (Festa), que é dada aos prítanes no próprio teatro. Em *Lisístrata*, de 411 a.C., as mulheres da Grécia, sob a liderança da ateniense Lisístrata, fazem uma greve de sexo para forçar seus maridos a acabarem a guerra. A personagem Mirrina e seu marido Cinésias demonstram como se dá a sedução e depois a recusa das mulheres em relação aos homens. Propomos a vinculação de Eros à paz nas três peças apresentadas e em *Tesmoforiantes* (Demetercoreantes), do mesmo ano de *Lisístrata* e muito próxima a ela em alguns aspectos importantes, como trazer um coro feminino, realizar a separação dos casais, fazer a apologia do sexo feminino e promover a paz, por se tratar de um festival religioso de fertilidade, as Tesmofórias, festas em homenagem às deusas Deméter e Core.

Palavras-chave: Eros; Paz; Aristófanes.

Abstract: Aristophanes links Eros to peace in his comedies. In *Acharnians*, 425 BC, Dikaeopolis, an Athenian citizen, obtains private truce with the Spartans for himself and his family. He does not share his peace with anyone else, except with a bride, because she is a woman and not is blamed for the war. It will have part of the fiance in their wedding. In *Peace*, 421 BC, Trigeu a grape-gatherer solves fly in a scarab beetle, who eats feces, to speak to the gods for peace, and ends up rescuing the Eirene goddess (Peace), contained in a cave by Polemos (War). Peace brings the goddess Opora (Autumnal or Harvest), with whom the protagonist marries, and the goddess Theoria (Feast), which is given to prytanes in the theater itself. In *Lysistrata*, in 411 BC, the women of Greece under the leadership of the Athenian Lysistrata make a sex strike to force their husbands to end up the war. The Myrrhine character and her husband, Kinesias, demonstrate how is the seduction and the refusal of women compared to men. We propose to link Eros to peace in the three pieces presented and *Thesmoforiazusai* (Demeterkoreazusai), the same year of *Lysistrata* and very close to it in some important ways, such as bringing a female choir, performing the separation of couples, making the apology of women and promote peace, because it is a religious festival of fertility, the Thesmophoria, parties in honor of the goddesses Demeter and Kore.

Keywords: Eros; Peace; Aristophanes.

Introdução

Aristófanes vincula Eros à paz nas suas comédias. *Acarnenses*,

¹ Professora Doutora, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: amcpompeu@hotmail.com.

Paz e *Lisístrata* são apelos diretos à paz e são as peças mais obscenas do comediógrafo, quer no sentido escatológico, quer no sentido erótico. Dioniso é o promotor da paz na comédia aristofânica. As tréguas, *spondaí*, aparecem como o próprio vinho, que quanto mais durável mais desejado, em *Acarnenses*. Diceópolis, que traduzimos por Justinópolis, representa o cidadão justo e a própria cidade justa, ele é o agricultor que deixou seu campo e foi para a cidade, forçado pela guerra. Representa toda a trajetória da formação de Atenas, quando o cidadão camponês se estabelece na cidade, participa da Assembleia, do Teatro, da Ágora, transformando-se em comerciante, mas negocia com os atuais inimigos de Atenas, por ter imunidade das tréguas dionisíacas. Ao celebrar sua paz, Diceópolis volta ao campo nas Dionísias rurais e canta o hino fálico, que Aristóteles (*Poética*, 1449 a) dirá ter originado a comédia. Em *Paz*, o protagonista é o próprio plantador de vinha, Trigeu, que traduzimos por Uvinho. Ele representa o poeta cômico, pois, da mesma forma que Diceópolis, é um celebrante de Dioniso e dirigirá um besouro comedor de fezes, simbolizando a comédia com seu repertório escatológico e também a atual Atenas com suas intrigas internas e externas. O besouro subirá ao Olimpo em busca de paz para a Grécia, apesar da sua tendência ao baixo pelas fezes, que, contraditoriamente, serão o combustível do voo. Em *Lisístrata*, as mulheres farão um juramento-sacrifício que transformará o sangue em vinho, ao substituírem o animal sacrificado por um odre de vinho, já que o tema é paz e não guerra. Em *Tesmoforiantes*, assistiremos à mesma transformação, mas, dessa vez, será o sangue de um bebê, filho de uma das mulheres do festival feminino, que, refém do parente de Eurípides, se transformará em vinho, ao desmascarar o disfarce do odre enrolado em cueiros.

Acarnenses

Em *Acarnenses*, de 425 a.C., Diceópolis (Justinópolis), um cidadão ateniense, consegue tréguas particulares com os espartanos para si e sua família e passa a comemorar no campo e depois na cidade as benesses da paz. Ele não partilha sua paz com mais ninguém, a não ser com uma noiva, por ser mulher e não ser culpada pela guerra. Ela terá parte do noivo nas suas núpcias (1056-1066):

[Justinópolis dá um pouco de suas tréguas para a noiva]²

SERVO DE UM NOIVO

A dama de honra

Pede da parte da noiva pra dizê uma coisa pra ti sozin.

JUSTINÓPOLIS

Vam'intão, fala aí! [Ela fala ao ouvido dele]

Com'ê ingraçado, meu Deus,

o que a noiva tá pedino e pede por dimais,

pra guardá em casa o bilau do noivo.

Traz aqui as trégua, pr'eu dá só pra ela,

porque é muié e num é culpada da guerra.

Apara aqui imbaxo o frasquin, ó muié

tu sabe como fazê isso? Ixprica pra noiva,

no dia da recruta dos soldado, nesta

noite, aí ela deve lambuzá o bilau do noivo.

No final da peça, assistiremos ao desenlace trágico de Batalhão (Lâmaco), ferido numa batalha, e ao desenlace cômico de Justinópolis (Diceópolis), vencedor do concurso de bebedeira no Festival dos Cângios (1214-1221):

BATALHÃO [para os soldados que o carregam]

Peguem-me, peguem-me pela perna, aí, aí!

Peguem-me ainda, ó amigos!

JUSTINÓPOLIS [para as moças que o carregam]

De mim vocês duas no mei do bilau

pegue mais, ó amigas!

BATALHÃO

Tenho enjoo por ter batido a cabeça numa pedra

e a minha vista escurece pra cair.

JUSTINÓPOLIS

E eu quero me deitá tano cum tesão

e a minha vista iscurece pra trepá.

Paz

Em *Paz*, de 421 a.C., Trigeu (que traduzimos Uvinho), um vindimador, resolve voar em um escaravelho, besouro que come fezes, para falar com os deuses sobre a paz, e acaba resgatando a deusa *Eiréne* (Paz), encerrada numa gruta por *Pólemos* (Guerra). A Paz traz consigo a deusa *Opóra* (Outona ou Colheita), com quem o protagonista se casa, e a deusa *Teoría* (Festa), que é dada aos prítanes no próprio teatro (510-528):

² Tradução matuta para os personagens do campo (POMPEU, 2014).

UVINHO³
 Os agricultô sim tão obrano, ninguém mais.
 CORO
 Vamo intão, vamo tudin!
 HERMES
 E já tá bem pertin.
 CORO
 Num vamo fraquejá agora não, mas vamo puxá
 que nem home!
 HERMES
 Agora sim a coisa vai!
 CORO
 Ó eia agora,
 Ó eia, eia, eia, eia, eia, eia!
 Ó eia, eia, eia, eia, eia, tudin!
 UVINHO
 Ó sinhora que dá os cacho de uva, como é que vô falá pra ti?
 Donde é qu'eu ia arrumá um palavriado de uns mil pote
 pra cum ele eu te falá? Num tinha em casa não.
 Ó, viva, Frutêra, e tu, ó Festêra.
 Que cara tem tu, ó Festêra!
 Que bafo, como é agradave pro meu coração,
 docin dimais, como de liberatropa e de perfume.

Lisístrata

Em *Lisístrata*, de 411 a.C., as mulheres da Grécia, sob a liderança da ateniense Lisístrata (Liberatropa), fazem uma greve de sexo para forçar seus maridos a acabarem a guerra. A personagem Mirrina (Buquerina) e seu marido Cinésias (Penétrias) demonstram como se dá a sedução e depois a recusa das mulheres em relação aos homens (891-955):

PENÉTRIAS
 Por que, ó perversa, fazes estas coisas e obedeces
 às outras mulheres? E me fazes sofrer
 e tu mesma entristeces?
 [...]
 PENÉTRIAS
 As coisas sagradas de Afrodite não celebradas por ti
 há tanto tempo. Tu não virás novamente?
 BUQUERINA
 Eu não, por Zeus, se não fizerdes a paz
 e cessardes a guerra.
 PENÉTRIAS
 Bem, se for assim,
 faremos até isto.
 BUQUERINA

³ Nossa tradução (com o Grupo de Estudos Aristofânicos – GEA) inédita e livre com a versão matuta para os personagens do campo.

Bem, se for assim,
eu também volto para lá, mas agora me recuso por juramento.
PENÉTRIAS
Pelo menos deita-te comigo por um tempo.
BUQUERINA
Não. Porém eu não te digo que não te amo.
PENÉTRIAS
Tu me amas? Por que então não te deitas, ó Buquerinazinha?
[...]
BUQUERINA
Depois de ter jurado, eu cometerei perjúrio, infeliz?
PENÉTRIAS
Que para mim se volte; não te preocupes com um juramento.

Buquerina finge ceder para excitar mais o marido e forçá-lo a fazer tréguas com os espartanos, dando uma amostra de como todas as atenienses e as espartanas estavam agindo com os homens.

BUQUERINA
Vamos, então trarei um pequeno leito para nós.
PENÉTRIAS
De modo algum.
o chão é suficiente para nós.
BUQUERINA
Não, por Apolo, eu não te deitarei no chão, mesmo tu sendo assim.
PENÉTRIAS
Sim, minha mulher me ama, é bem evidente.
BUQUERINA
Eis aí, estende-te rapidamente, e eu me dispo.
Mas, que coisa, é preciso trazer uma esteira.
PENÉTRIAS
Que esteira? Não para mim.
BUQUERINA
Sim, por Ártemis,
pois seria vergonhoso sobre a corda.
PENÉTRIAS
Deixa então eu te beijar.
BUQUERINA
Eis aí.
PENÉTRIAS
Papaiax! Volta então muito depressa.
BUQUERINA
Eis uma esteira. Deita-te e daí eu me dispo.
Mas, que coisa, não tens travesseiro.
PENÉTRIAS
Mas eu não tenho nenhuma necessidade.
[...]
BUQUERINA
Eis que a cinta já desato. Lembra-te;
não me enganas sobre os tratados de paz.
PENÉTRIAS
Não, por Zeus, eu então morreria.
BUQUERINA

Não tens coberta.
 PENÉTRIAS
 Não, por Zeus, nem preciso, só quero trepar.
 BUQUERINA
 Não te preocupes, farás isto; pois volto logo.
 PENÉTRIAS
 Minha mulher vai me acabar pelas coberturas.
 BUQUERINA
 Levanta-te.
 PENÉTRIAS
 Mas isto já está levantado.
 [...]
 BUQUERINA
 [...]
 Assim, fico descalça. Mas, ó querido,
 que votes para fazer as pazes.
 PENÉTRIAS
 Deliberarei.
 [*Buquerina não volta mais*]
 Minha mulher me destruiu e me desgastou
 e foi-se, além de tudo, depois de me esfolar.
 Ai de mim o que vai me acontecer? Com quem treparei?
 Depois de a mais bela de todas ter me enganado?

A *Diallagé* (Reconciliação) é personificada numa moça nua tendo as cidades gregas nas partes do corpo, negociadas entre atenienses e espartanos (1159-1172):

LIBERATROPA
 Por que então, depois de muitos benefícios recebidos,
 combateis e não cessais de perversidades?
 Por que não vos reconciliais? Vamos, qual o obstáculo?
 EMBAIXADOR ESPARTANO
 Nós consentimos, se consentirem em nos
 entregar este ciclo.
 LIBERATROPA
 Qual, ó amigo?
 EMBAIXADOR ESPARTANO
 Pilo,
 que há muito pedimos e apalpamos.
 EMBAIXADOR ATENIENSE
 Não, por Posídon, isto não fareis.
 LIBERATROPA
 Deixai, ó amigo, para eles.
 EMBAIXADOR ATENIENSE
 E depois o que penetraremos?
 LIBERATROPA
 Reclamai outra região no lugar daquela.
 EMBAIXADOR ATENIENSE
 Eis alguma coisa, entregai-nos primeiro
 este Equinos e o golfo Malíaco
 que está atrás e as pernas de Mégara.
 EMBAIXADOR ESPARTANO
 Não, pelos Dióscuros, pelo menos não tudo, ó bom.

LIBERATROPA

Deixai, não fazei questão por um par de pernas.

Propomos a vinculação de Eros à paz nas três peças apresentadas e em *Tesmoforiantes* (*Demetercoreantes*), do mesmo ano de *Lisístrata* e muito próxima a ela em alguns aspectos importantes, como trazer um coro feminino, realizar a separação dos casais, fazer a apologia do sexo feminino e promover a paz, por se tratar de um festival religioso de fertilidade, as Tesmofórias, festas em homenagem às deusas Deméter e Core.

Tesmoforiantes⁴

As mulheres planejam eliminar o poeta trágico Eurípides, por ele falar mal das mulheres em suas peças. Aristófanes encena uma verdadeira retirada da máscara do teatro, numa crítica aos fundamentos da representação séria, a trágica, por explorar o feminino através de atores homens representando mulheres, ficando o ridículo manifesto na cena que traveste o parente de Eurípides em uma mulher.

Se a guerra se dá entre as mulheres e Eurípides, as tréguas se fazem com promessas; e a liberdade do parente do tragediógrafo, preso pelas mulheres, sob a vigilância de um guarda cita, se resolve com uma cena de sedução. Eurípides, então, para distrair o guarda veste-se de velha e traz uma bailarina acompanhada de um flautista, a qual fingindo ensaiar para se apresentar a alguns homens, tira a roupa numa dança sensual, enlouquecendo de desejos o guarda, que empenha as armas para se deitar com ela, deixando a velha (Eurípides) vigiando o parente. Assim os dois fogem (1160-1206):

EURÍPIDES

Mulheres, se querem daqui para frente
fazer as pazes comigo, é agora,
depois disso não mais ouvirão de mim nada
de mal para o futuro. Eis o que proclamo.

CORO

E qual a necessidade de trazeres esta proposta?

EURÍPIDES

Este que está na tábua é meu parente.
Se eu o receber então, não ouvirão jamais
nada de mal; mas se não me atenderem;

⁴ Revisão com novas conclusões de partes da nossa tese de doutorado *Aristófanes e Platão: a justiça na pólis*, publicada em 2011, e da apresentação da tradução de *Tesmoforiantes*, publicada em 2015.

o que agora ocultam aos maridos
eu vos delatarei ao virem das expedições.

CORO

Sabe que sobre estas coisas concordamos contigo;
Mas convence tu próprio este bárbaro.

EURÍPIDES

É minha tarefa; e a tua, ó bichinha,
lembra-te do que eu te explicava no caminho.
Primeiro então atravessa e vai aos trotes.
E tu, ó Terédon, toca uma pérsica.

ARQUEIRO

Que ruído é este? É um festim que me acorda?

EURÍPIDES [*disfarçado de velha*]

A moça vai ensaiar, ó arqueiro,
pois ela deve dançar para alguns homens.

ARQUEIRO

Dançar, ensaiar eu não impedir.
Como é lebe⁵, como uma pulga no véu.

EURÍPIDES

Vamos retira este manto, ó filha,
e sentando-te nos joelhos do cita
estende os pés, para eu descalçá-los.

ARQUEIRO

Sim, sim.

senta, senta sim, sim, bilhinha⁶.

Que duro a teta como um rábano.

EURÍPIDES

Tu, toca rápido; ainda temes o cita?

ARQUEIRO

Belo bunda. [*Para o falo*]⁷Tu chorar, se não ficar aí dentro.

Bem, a aparência é bela em torno da bara⁸,

EURÍPIDES

Está bom. Tome o manto; já é hora de
nos pôr a caminho.

ARQUEIRO

Não me peijará⁹ antes?

EURÍPIDES

Perfeitamente; beija-o.

ARQUEIRO

ó, ó, ó *papapapai!*

que língua doce, como mel ático.

Por que não te deitas comigo?

EURÍPIDES

Passar bem, arqueiro;

pois não ocorreria isto.

ARQUEIRO

⁵ Isto é: leve. A fala do bárbaro é traduzida por um grego ruim no texto original. Tentamos reproduzir tal característica do guarda cita em português.

⁶ Filhinha.

⁷ Acessório do ator cômico: pênis artificial de pano com a ponta pintada de vermelho, sobressaindo à túnica curta.

⁸ Vara.

⁹ Beijará.

Sim (sim) belhinha,
tu me fazer este faborzinho.
EURÍPIDES
Darás então uma dracma.
ARQUEIRO
Sim, sim, darei.
EURÍPIDES
Passa-me então o dinheiro.
ARQUEIRO
Mas não tenho, toma o dardo então.
Depois te trago de novo. Acompanha-me, bilha. [...]

E temos então o final com o guarda voltando chamando pela velha e correndo para todos os lados, sendo enganado pelas indicações do coro. O único artifício bem-sucedido de Eurípides para enganar o bárbaro foi uma mulher real, pois é provável que se utilizasse uma prostituta em cenas de nudez feminina, e na qualidade de personagens mudas, como a Reconciliação de *Lisístrata*, a Festa e Colheita em *Paz*.

Aristófanes e o *Banquete de Platão*¹⁰

No *Banquete de Platão*, o discurso de Aristófanes narra a parábola das criaturas circulares duplas, ascendentes do homem, que, por sua impiedade, são castigadas por Zeus, sendo cortadas em duas metades, que se buscarão reciprocamente, morrendo de fome e inanição pela falta de sua metade. Zeus institui, então, o intercuro sexual, como um paliativo para o desejo humano de voltar a ser completo. E nesse intervalo de saciedade, puderam se reproduzir e trabalhar para a própria sobrevivência. Mas se Hefesto, o artífice divino, quisesse uni-los de novo para sempre, eles não hesitariam em aceitar.

Pela separação e depois reunião dos dois coros, masculino e feminino, *Lisístrata* faz lembrar, de alguma maneira, os andróginos do discurso de Aristófanes (SOLOMOS, 1972, p.184). Pois esses coros enquanto separados se procuram o tempo todo e se reúnem enfim formando um conjunto dançante hermafrodita. É que alguns anos apenas separam *Lisístrata* (411 a.C.) da época presumida (416 a.C.) do banquete de Agatão (personagem de *Tesmoforiantes*, também de 411 a. C.) e de *As Aves* (414 a. C.) e sua parábola cosmogônica, que faz

¹⁰ Para este item, além das duas fontes já citadas (POMPEU, 2011; ARISTÓFANES, 2015), fazemos a releitura de nosso estudo da dissertação de mestrado: *Lisístrata* e seus planos: mulheres e acrópole homens não entram. Aristófanes. *Lisístrata*. Estudo e tradução. FFLCH-USP, 1997.

das aves imortais descendentes de Eros, criando uma nova teogonia. O que faz recordar as asas das almas no *Fedro* (246 d-e), que se elevam por Eros.

Nos versos 115-6 de *Lisístrata*, a personagem Mirrina (Buquerina), que tem o nome que faz lembrar o órgão feminino, diz, quando interrogada por Lisístrata sobre sua disposição para se sacrificar pela paz: "E eu aceitaria, mesmo que como um linguado, acho/ que daria a metade de mim, tendo sido cortada". Lemos no discurso de Aristófanes em Platão: "Cada um de nós, portanto, é uma tésseira complementar de um homem, porque cortados *como linguados de um só em dois*; e procura então cada um o seu próprio complemento» (191d) (o itálico é nosso). É mais digna de nota a semelhança, quando se examina de perto o papel de Mirrina na peça. Ela, como representante do sexo feminino, irá demonstrar como a greve se dava entre as mulheres. A cena que apresenta Cinésias (Penétrias), nome que faz lembrar o órgão masculino, sofrendo convulsões pela falta de sua esposa, Mirrina, é bem uma prova de que o amor, nesta peça, vai além do simples desejo ou apetite (*epithymia*). Antes de tudo, as mulheres se confiam nos deuses, pois fizeram um sacrifício-juramento: "Li. Senhora Persuasão (*Peithoî*) e taça da amizade/a vítima recebe favorável às mulheres." (203-4). Henderson (1987, p. 94), comentando o verso, explica que Lisístrata, ao invocar Persuasão, não tem em mente o argumento verbal, mas o poder coercivo da greve. *Peitho* é relacionada à deusa Afrodite dos primeiros tempos, e os atenienses tinham um santuário de *Peitho* e Afrodite Pândemos na Acrópole.

LIBERATROPA

Mas se o doce Eros com a Ciprígena Afrodite
 Desejo amoroso (*himeron*) sobre nossos ventres e coxas
 soprar,
 E em seguida provocar uma rigidez de prazer e ereções em
 nossos maridos,
 Creio que um dia nós seremos chamadas Liberalutas entre os
 gregos. (*Lis.*551-4)

Conclusão

As peças *Acarnenses* e *Paz* são da primeira fase da produção do poeta e se assemelham quanto à estrutura, especialmente na parábase, um interlúdio coral, que, no início, era completa, duplicada

e bem marcada pela descaracterização do coro, que se dizia porta-voz do poeta, às vezes assumindo o discurso direto na representação do comediógrafo. Eros, nessas duas peças, se liga à paz de modo mais pontual por integrar o contexto mais amplo do campo com o alimento e sua eliminação. As duas comédias femininas, *Lisístrata* e *Tesmoforiantes*, são da segunda fase da produção do poeta e se assemelham quanto à estrutura, ao manter, na parábase, a caracterização do coro fazendo discursos em favor do gênero feminino, mas também pela cidade de Atenas. No estudo comparativo de *Lisístrata* e *Tesmoforiantes*, concluímos que o discurso de Aristófanes sobre Eros no *Banquete* de Platão parece ter sido elaborado pelo filósofo com vistas especialmente nessas duas comédias que tratam do gênero humano e do desejo erótico.

Referências

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. Tradução de Ana Maria César Pompeu. Introdução de Isabella Tardin Cardoso. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *Acarnenses*. Tradução de Ana Maria César Pompeu. In: POMPEU, Ana Maria César. *Dioniso matuto: uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses para o cearensês*. Curitiba: Appris, 2014.

_____. *Tesmoforiantes*. Tradução, apresentação e notas de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Via Leitura, 2015.

HENDERSON, Jeffrey. Commentary. In: ARISTOPHANES. *Lysistrata*. Edited with introduction and commentary by Jeffrey Henderson. Oxford University Press, 1987.

PLATÃO. *Banquete*. In: _____ *Diálogos*. Tradução de José Cavalcante de Sousa. Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores). Humanita.

POMPEU, Ana Maria César Pompeu. *Lisístrata e seus planos: mulheres e acrópole homens não entram. Aristófanes. Lisístrata. Estudo e tradução*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1997.

_____. *Aristófanes e Platão: a justiça na pólis*. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011.

SOLOMOS, Alexis. *Aristophane vivant*. Texte français de Joëlle Dalegre. Paris: Hachette, 1972.

Recebido em: 13 de out. de 2015.

Aceito em: 26 de jun. de 2016.